

MAURICÉLIA TEIXEIRA DE ALBUQUERQUE*

1. Introdução

Garopaba é mais um dos municípios do litoral catarinense em que a tradição açoriana interfere no modo de ser, sentir e estar no mundo da maioria da população nativa. No entanto, foram os tupi-guaranis, primeiros habitantes da região, que deram nome ao lugar. Ygá, Ygara, Ygaratá significa barco, embarcação, canoa – Mpaba, Paba é lugar, paradeiro, enseada. Garopaba, portanto, significa “Enseada dos Barcos”.

Os açorianos desembarcaram em Garopaba enviados pelo Império Português, procedentes, em sua maioria, da Ilha Terceira, localizada no Arquipélago dos Açores. “As primeiras informações sobre a presença de população fixa [em Garopaba] de origem europeia é do final do século XVIII, resultante dos registros eclesiásticos que indica já residirem em Garopaba diversas famílias de origem açoriana”. (FARIAS, 2000, p. 255).

Em 1793 foi criada a Armação de São Joaquim de Garopaba, que em 1830 foi elevada à Freguesia. Em 1890, com trabalho de mobilização da Freguesia, Garopaba foi elevada a Vila e, no mesmo ano, foram nomeados os membros do Conselho da Intendência. A instalação do município ocorreu no dia 07 de Junho de 1890. Em outubro de 1906, Garopaba passou a fazer parte da Comarca de Palhoça. Em 1923, perdeu a condição de município, passando a integrar o município de Imbituba, pertencendo à Comarca de Laguna. Em 1930, Garopaba passou a Distrito de Palhoça. No Ano de 1961, voltou à condição de município, tendo sido instalado no dia 30 de dezembro.²

Apesar de todas as transformações trazidas pelo turismo, os garopabenses procuram manter seu padrão cultural, disponibilizando aos visitantes suas belezas naturais, mostrando que desenvolvimento sustentável pode caminhar lado a lado com a cultura. Os tempos mudaram, mas a cordialidade do povo garopabense continua baseada na sua forma simples de viver, na forte relação com o mar, através da pesca artesanal, do surf ou do turismo. “As

*Graduada em História pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL; Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Bolsista CAPES. E-mail: mauricelia_historia@hotmail.com

² Informações inerentes à disciplina de Estudos Regionais, a qual lecionei no ano de 2005.

belezas naturais-paisagísticas, representadas pelas praias, lagoas, dunas e pontas tornam Garopaba um dos balneários mais procurados do sul do Brasil”. (FARIAS, 2000, p. 256).

Nesse início de século a cidade de Garopaba é palco de um duplo fenômeno: de um lado, as grandes transformações de caráter urbano, já iniciadas em meados da década de 1970, com a chegada dos primeiros gaúchos, dentro de uma lógica que parece ser comum a todas as cidades litorâneas. De outro, discursos sobre a conservação e construção de espaços e edificações apontam a necessidade de proteger a “história da cidade”. A preocupação em revitalizar o centro histórico, preservar os antigos prédios constituem *slogans* de gestores políticos ou candidatos ao pleito municipal, preocupados em conter a marcha do “todo sólido que se desmancha no ar”. Berman (1982).

Essa atitude revitalizadora dos centros históricos e a criação de pontos turísticos não é exclusividade de Garopaba, sendo comum a cidades brasileiras marcadas por processos acelerados de mudança. O crescimento urbano das cidades ou o conjunto de processos convencionalmente nomeados de “modernização” aparecem, nesse sentido, acompanhados de investimentos materiais e simbólicos em torno da manutenção e restauração, principalmente de antigas construções, instrumentos de pesca artesanal e produção de farinha (no caso de Garopaba), entendidos agora como patrimônio histórico das cidades sejam elas grandes ou pequenas.

Mas o que vem a ser essa modernização? Berman (1982) nos sugere que vivemos em um “turbilhão” de modernidade, em um excesso de modernidade, capaz de tornar a novidade de ontem em objeto obsoleto num “pisar de olhos”. Vivemos, portanto, um encavalamento de temporalidades, já que um mesmo lugar pode abrigar sujeitos que vivem intensamente o ritmo do tempo do trabalho e da alta tecnologia, enquanto outros não têm acesso às “benfeitorias” do “progresso”.

Perceber a cidade sob a perspectiva de sua “memória” ou sob o aspecto de significados atribuídos à noção de patrimônio pressupõe compreender a lógica das prioridades sobre o uso e valorização de espaços efetivados ao longo do tempo. Prioridades que aparecem como coletivamente construídas, embora seja objeto permanente de disputas simbólicas que revelam interesses de diferentes atores sociais. O que preservar? Como mudar? O que mudar? Essas são questões que vêm à tona atualmente com mais evidência, alimentando o plano das representações sobre a cidade, que orientam diferentes discursos.

As intervenções, os discursos e os depoimentos formadores de opinião sobre os processos urbanos contemporâneos distinguem algo que pode ser chamado de diálogo entre

passado e presente. Essa é uma metáfora que visa indicar as diferentes formas de evocar o passado, visto tanto sob o prisma de um tempo mítico e sem retorno como na perspectiva de um tempo inventado e vivido em continuidade com os usos contemporâneos do espaço urbano. Com isso, pensa-se que a “história ou memória da cidade”, materializadas no conceito de patrimônio, expressam versões diferenciadas ou visões de um imaginário urbano, nem sempre convergentes.

Distintos discursos sobre a cidade são consubstanciados por diferentes contextos e interlocuções múltiplas. Destacam-se, nesse sentido, depoimentos e falas sobre a cidade efetivados por cronistas, historiadores, políticos e profissionais do planejamento urbano. A cidade tem sido dessa forma, ponto de referência para se nomear a vida social moderna com seus problemas e esperanças.

Na contemporaneidade, a vida cidadina aparece, muitas vezes, como promessa não realizada visto que carrega em si ares de liberdade e ruptura com o passado acenado pelo capitalismo industrial. Um lugar de opressão, conflito e violência que põe a tradição no roteiro de uma nova funcionalidade: restauram-se pontes, espaços, casas, monumentos. Tudo parece evocar um necessário tempo de volta. Essa fugacidade do presente transformou o passado em mercadoria, numa fluidez que desfaz qualquer segurança quanto ao tempo vivido hodiernamente.

É preciso refletir um pouco mais sobre a ideia de tempo: a noção de tempo é bastante relativa, dependendo da forma que é evocado. Do ponto de vista linear o tempo persegue um telos, pressupõe que haverá um fim. Nesse sentido, as ações do presente são pensadas na expectativa de um futuro próximo, ou seja, um julgamento final. O tempo cíclico nos reporta a “segurança” da repetição. Esse seria o tempo previsível da natureza, baseado, por exemplo, nas fases da lua. Em outra perspectiva, podemos falar sobre um tempo em espiral, ou seja, tempo em que tudo é possível: repetições, estagnações, acelerações. Nessa forma de ver o tempo não há espaço nem perspectiva que aponte para um fim. Vive-se o “eterno presente”.

As transformações atuais pelas quais passa a cidade, na sociedade contemporânea, ensejam frequentemente discursos alusivos a diferentes temporalidades. O espaço e a vida urbana aparecem como se fossem submetidos a sucessivas perdas que remontam à nostalgia de um tempo anterior, de maior sociabilidade e intimidade entre os indivíduos. O tempo anterior sinalizaria o momento no qual era possível ter controle sobre os processos citadinos, incluindo a comunicação entre os habitantes.

Esta representação do passado nem sempre se apoia em uma concepção de irreversibilidade. David Harvey, por exemplo, indaga como é possível

[...] construir a próxima camada no palimpsesto urbano, de forma a canalizar aspirações e necessidades futuras, sem violentar em demasia tudo o que já foi feito antes. Parte do legado do passado terá que ser obviamente descartado. Construções degradadas e em ruínas certamente devem ser demolidas e locais abandonados merecem uma revitalização (Harvey, 1996, p. 171).

O autor argumenta ainda acerca dos efeitos da tecnologia na modificação e ampliação de espaços e as conseqüentes reações indutoras da recuperação de um lugar e um sentimento de pertença. A perspectiva geral de Harvey é a de pensar na criação de algo novo, construído de forma socialmente responsável, sem violentar em demasia o que existia antes.

Os discursos construídos sobre a cidade e o modo de evocar o passado, articulando-o a funções presentes, constituem o centro fundamental das reflexões aqui delineadas. Muitas das reflexões podem, no entanto, apontar questões vivenciadas por diferentes cidades no período designado por diferentes analistas como pós-modernidade.

2. As cidades no contemporâneo

É no imaginário sobre as cidades, evocado em diferentes situações, que se constitui um rico caminho analítico para se pensar o modo como às conjunturas históricas dão a ver projeções de sociabilidade urbana, sendo o passado ou o futuro as fontes de referência por onde se constroem o “paraíso perdido” ou a visão da “nova sociedade”.

Em um contexto mais recente as cidades aparecem também como lugar de articulação de interesses econômicos e tecnológicos, apresentando uma revalorização de espaços internos considerados como fontes de investimentos vindos de vários campos da atividade social. As cidades contemporâneas parecem expressar, de modo mais nítido, um conjunto de representações e disputas materiais e simbólicas evidentes em momentos específicos de intervenção urbana e em situações de concorrência política, a exemplo das campanhas eleitorais municipais.

A memória mostra a organização do passado em relação ao presente. Ou seja, não um passado preservado, e sim continuamente reconstruído, tendo como base o presente. A memória coletiva está envolvida com ritual, possui guardiões que geralmente são pessoas mais idosas e que assim o são não apenas porque participam de muitas das formulações dessas

tradições, mas porque têm tempo disponível para identificar os detalhes contidos. A memória tem força de união que combina conteúdo moral e emocional. “A memória é um processo ativo, social que não pode ser apenas identificado com as lembranças” (GIDDENS, 1997, p. 81).

Recuperar o passado não é, entretanto, repetir o tempo, mas reinventá-lo. Diferente dos usos pioneiros, os equipamentos urbanos viram espécie de "museus", readquirindo, no entanto, novas funções sociais ou políticas. A própria ideia de patrimônio significa a tentativa de “contar” o passado adaptando-o à nova linguagem do presente. Não deixa de ser sintomático que o centro da maioria das cidades brasileira seja, neste momento, alvo de remodelação. Assim, pensa-se deter a marcha destrutiva da expansão e reformulação de lugares urbanos.

No que se refere às sociabilidades, objetiva-se reaver formas anteriores de comunicação coletiva. As velhas praças, lugarejos e sentidos herdados de uma tradição cultural são reativados e se tenta, com isso, recompor antigas referências associativas, solapadas por uma modernidade que tornou a cidade funcional para o desempenho das atividades produtivas, mas bastante problemática para o convívio humano.

A possibilidade de dar novos significados e criar novos usos para o espaço urbano expressam a procura de uma relação mais viva entre passado e presente. As críticas a respeito da desfiguração do espaço urbano e a busca de recompor a “história” da cidade através de uma política de preservação do patrimônio surgem nas últimas décadas.

A gradual transformação da cidade de Garopaba em cidade turística ocorre reproduzindo ou exacerbando características semelhantes às demais cidades brasileiras: crescimento desordenado e convivência simultânea de modernização e pobreza. O turismo representa uma das maiores fontes geradoras de renda, sendo objeto de investimentos públicos de ordem municipal.

O incentivo cada vez maior ao turismo em Garopaba vem criando um novo discurso de exportação de imagens a serem propagadas e absorvidas para consumo, principalmente entre os habitantes do centro sul do país. A ampliação da rede de hotéis e pousadas e a oferta de serviços respondem a uma fase atual da cidade, marcada por diversificação de atividades e oferta de bens de lazer e cultura.

Nesse viés, duas perspectivas de apresentação da cidade marcam esta dinâmica: a “história” da cidade, com seus costumes e a sua natureza, exemplificada principalmente nas praias, onde tem como pano de fundo o título de “Capital Catarinense do Surf”. Enquanto a

primeira remete ao reforço e “re-invenção” de costumes, tradições e valores, a segunda propõe uma espécie de paraíso fortalecido na visão de uma região privilegiada por belezas naturais.

A tradição “inventada” tenta, sempre que possível, estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. Ou seja, pode ser entendida como um conjunto de práticas reguladas por regras de natureza ritual ou simbólica, aceitas pelo grupo, que visam sugerir certos valores e normas de comportamentos a partir da repetição, implicando uma continuidade em relação ao passado. Na medida em que as práticas passam a ser um hábito, a partir da repetição, resgata-se um passado histórico ao qual tais práticas fazem referência.

Hobsbawm (1984) acredita na importância da invenção das tradições quando, uma alteração rápida da sociedade enfraquece ou destrói os padrões sociais orientados pelas antigas tradições, produzindo novos modelos com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Ou seja, novas tradições são inventadas quando as transformações são suficientemente amplas e rápidas “tanto do lado da demanda quanto da oferta”.

Mas como uma cidade pode repousar em um título apenas? Como pode movimentar-se em torno de um eixo fixo, simbólico ou imaginário? Cidade Azul, Cidade das Flores, Cidade da Baleia Franca, cidade da Maçã, Ilha da magia, etc. Essas são determinações desconstituídas pelos movimentos daquilo que se faz no contemporâneo nesses espaços. Os adjetivos e as modalidades de encanto encarnam muito mais estratégias de mercado difundidas por dispositivos midiáticos e publicitários, ou seja, o marketing da cidade.

Uma das ricas discussões sobre as formas de relacionar passado e presente encontra-se na polêmica entre os chamados modernos e pós-modernos. Enquanto para os primeiros, a ruptura com a tradição projeta-se em um tempo futuro, encontramos entre os pós-modernistas a valorização da diversidade de estilos, a mistura de tempos, nos quais o passado aparece como texto a ser citado sem a ordem hierárquica de prioridades. É essa mistura que tornaria a pós-modernidade vista como a era do simulacro, que tem na cidade contemporânea sua expressão mais evidente.

Espaços que vão além dessa razão e inscrevem na cidade uma geografia estranha nas maneiras de habitar e conviver. Uma cidade onde proliferam mais os não-lugares que os lugares. Faz-se aqui uma aproximação dessa cidade além da conta que se percebe com a

etnografia da supermodernidade de Marc Augé (1994), que lhe permitiu a construção do conceito de não-lugares.

Para Augé (1994), esses não-lugares possibilitam uma experiência espaço-temporal diferenciada no contemporâneo, quando posta em relação com a experiência produzida nos ambientes da modernidade. Ele entende que experimentamos algo além da modernidade, e propõe o conceito de supermodernidade como um entendimento não mais relacionado aos lugares antropológicos onde cabiam discussões e análises sobre um funcionamento do social representado por uma concepção orgânica.

Volta-se com esse conceito para um sentido que possa marcar uma espécie de “tensão solitária” para as existências, quando essas percorrem os não-lugares. Augé diz que a supermodernidade é um estado que “impõe às consciências individuais, novíssimas experiências e vivências de solidão, diretamente ligadas ao surgimento e à proliferação de não lugares” (1994, p. 86).

Para Augé (1994), os não-lugares são a medida da época, mesmo considerando que esses não se tenham realizado totalmente e que o lugar moderno ainda não tenha sido extinto diante da proliferação desse fundamento da supermodernidade.

3. Considerações finais

Perante as atuais tendências de modificação no espaço urbano, percebe-se que a recuperação de locais e tradições que compõem a “história” de diferentes cidades mostra-se mais intensamente. As cidades parecem construir “palavras de ordem” referentes à preservação, antes que o passado fique apenas retido em memória longínqua, sem o monumento objetivo de referência. Subjacente às estratégias de conservação de espaços, considera-se tanto a valorização das “ruínas” como a chamada revitalização que, muitas vezes, aponta a recuperação de usos coletivos dotados de novas funções, sobretudo voltadas para o lazer ou para consumo cultural.

O discurso da preservação tem características nostálgicas presentes, muitas vezes, na fala dos habitantes. O que a cidade “não é mais” torna-se a tônica de percepções que, muitas vezes, fazem do passado um momento de felicidade perdida. Discursos que tentam expressar a ideia de um passado não só perdido como radicalmente diferente da época contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, M. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil meridional uma viagem no tempo**: 500 anos: litoral catarinense: para o ensino fundamental. 2. ed. Florianópolis: Ed. do Autor, 2000.

GIDDENS, Anthony. **A vida em uma sociedade pós-tradicional**. In: ULRICH, Beck; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. *Modernização Reflexiva*. São Paulo: UNESP. 1997.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1989.

_____. **Espaços urbanos na aldeia global**: reflexões sobre a condição urbana no capitalismo no final do século XX. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Minas Gerais, PUC 1996.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.